

UM OLHAR ÀS IDENTIDADES REGIONAIS BOLIVIANAS EM CONTEXTO DE FRONTEIRA: LIMITES BOLÍVIA-BRASIL

UNA MIRADA A LAS IDENTIDADES REGIONALES BOLIVIANAS EN CONTEXTO DE FRONTERA: LÍMITES BOLIVIA-BRASIL

Suzana Vinicia Mancilla Barreda³⁶

RESUMO: Neste artigo proponho-me discutir as identidades regionais dos bolivianos que circulam pelo espaço fronteiro composto pelos municípios de Puerto Quijarro na Bolívia e Corumbá no Brasil. O objetivo é aprofundar nas peculiaridades desses sujeitos reconhecidos apenas pela sua condição de origem nacional boliviana. Assim procuramos dar visibilidade às identidades regionais *cambas* e *collas* que não tem como parâmetro somente o aspecto étnico, tão em evidência após a ascensão de Evo Morales ao governo em 2006 e a promulgação da Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia em 2009. A fronteira em que desenvolvemos este estudo está na região oriental desse país, em um território ocupado originalmente por habitantes denominados *cambas* localizados no departamento de Santa Cruz. Esse cenário foi paulatinamente diversificado com o processo de migração interna de pessoas provenientes da região central e do ocidente em direção ao oriente boliviano, habitantes esses conhecidos como *collas*. Dos embates e tensões narradas desse encontro, é perceptível o surgimento de uma terceira identidade que tenha como origem os *collas* e os *cambas*, tendo como cenário a fronteira, lugar de produção simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: identidades regionais; fronteira; Bolívia-Brasil

RESUMEN: En este artículo me propongo discutir las identidades regionales de los bolivianos que circulan por el espacio fronterizo compuesto por los municipios de Puerto Quijarro en Bolivia y Corumbá en Brasil. El objetivo es ahondar en las peculiaridades de esos sujetos reconocidos sólo por su condición de origen nacional boliviana, de ese modo buscamos dar visibilidad a las identidades regionales *cambas* y *collas* que no tienen como parámetro apenas el aspecto étnico, tan en evidencia tras la asunción de Evo Morales al gobierno en 2006 y la promulgación de la Constitución del Estado Plurinacional de Bolivia en 2009. La frontera donde desarrollamos este estudio está en la región oriental de ese país, en un territorio ocupado originalmente por habitantes locales denominados *cambas*, ubicados en el departamento de Santa Cruz. Ese escenario fue paulatinamente diversificándose con el proceso de inmigración interna con la movilización de personas provenientes de la región central y del occidente hacia el oriente boliviano, habitantes esos

³⁶ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* do Pantanal. E-mail: suzanamancilla@yahoo.es.

conocidos como collas. De los embates y tensiones narradas de ese encuentro, el perceptible el surgimiento de una tercera identidad que tenga como origen a los cambas y collas, en ese escenario de frontera, lugar de producción de simbólica.

PALABRAS CLAVE: identidades regionales; frontera; Bolivia-Brasil

1. INTRODUÇÃO

O linguista boliviano Callisaya Apaza (2012), em sua tese de doutorado, traça um detalhado panorama político e social da Bolívia contemporânea ao abordar o surgimento de movimentos sociais e organizações sindicais em busca de uma valorização cultural que até poucos anos atrás era muito incipiente neste país, principalmente, em virtude da falta de reconhecimento dos direitos das comunidades originárias que compõem a Bolívia.

Conforme o autor, o eixo central dessa mudança está na valorização da identidade indígena – ou originária – oficializada com a publicação da Nova Constituição do Estado Plurinacional da Bolívia, aprovada na cidade de Oruro em 24 de novembro de 2007. O documento se inicia traçando as bases fundamentais do Estado em que a pluralidade é destaque nos âmbitos jurídico, cultural e linguístico. Esse quadro propicia a constatação da diversidade étnica e linguística bolivianas, em que são reconhecidas 36 línguas nativas no país.

Para além da condição plurinacional evidenciada e reconhecida nos documentos oficiais, uma apreciação relevante sobre as identidades bolivianas refere-se às autoidentificações mais abrangentes, urbanas, presentes no cotidiano nacional: as *birlochas*, as *cholas*, os *cholos*³⁷ e os imigrantes, revelam um mundo

³⁷ No Dicionário da Real Academia Espanhola, os termos cholo(a) representam a figura do mestiço que emerge da mescla europeu indígena, enquanto que birlocha, é a mulher que adota as vestimentas de uma classe social superior. Embora essas definições tentem explicar essas categorias sociais bolivianas, é necessário considerar que se trata de categorias complexas que tem uma trajetória histórico-política que adquiriu diferentes valorações sociais. Sugerimos a leitura de *La ininteligibilidad de lo cholo em Bolivia*, de autoria de Ximena Soruco Sologuren (2006), segundo a autora o *cholo* é uma categoria que está fora das identidades dicotômicas criolla-indígenas. O *cholo*

mestiço boliviano conforme afirma a socióloga Silvia Rivera Cusicanqui (2015). Entre elas também emergem as identidades regionais, a saber: *cambas*, *collas* e *chapacos*.

O cenário em que se desenvolve esta pesquisa é a fronteira Bolívia-Brasil, mais propriamente os municípios de Puerto Quijarro e Corumbá, respectivamente. Esse espaço foi escolhido para desenvolver a tese de doutorado *Interculturalidades no contexto Puerto Quijarro (Bolívia)-Corumbá (Brasil). Português língua de fronteiras: ensino, aprendizagem e formação dos professores* que da base a este artigo, nele nos propomos abordar as identidades, em especial dos bolivianos habitantes de fronteira.

Lembramos que a fronteira, na sua perspectiva mais conservadora, é vista como um lugar remoto, afastado, “fim de linha”, entre outros adjetivos adjudicados aos limites territoriais nacionais. Grimson (2000) aponta outra perspectiva que sustenta “a ignorada centralidade das fronteiras”, em que as disputas culturais e identitárias imprimem uma dinâmica peculiar às práticas sociais regionais, evidenciando um “pensamento enunciado a partir da memória dos lugares ditos marginais” (CAMBLONG, 2012).

Nesse sentido, as fronteiras são espaços de intensa e dinâmica produção cultural, enriquecida pela diversidade de pessoas que a habitam e transitam por esses lugares. Pesquisas desenvolvidas em Tarija, departamento localizado ao sul da Bolívia, fronteiro à Argentina tratam do processo de ocupação dessa região após o Decreto 21060/85 que “relocaliza” um grande número de trabalhadores das minas, promove um enorme fluxo migratório interno, composto por pessoas de diferentes origens: quéchuas, aymarás e *cambas*³⁸, “*generando nuevas formas culturales basadas en la convivencia, en unos casos, y en el rechazo o el conflicto, en otros.*” (PEÑA MÓJICA, HOYOS MONTECINOS, MENDIETA ORTEGA e LÓPEZ PEÑA, 2003, p. 20)

habita o imaginário urbano *criollo*, sua presença desestrutura as fronteiras da sociedade estamental. Ele não é *criollo* nem índio, nem urbano ou rural, ocidental ou andino, hegemônico ou subalterno.

³⁸ Nominativos regionais bolivianos que serão tratados ao longo do texto.

Do mesmo modo, o departamento de Santa Cruz, Bolívia também é espaço de acolhida de grupos migrantes de diferentes departamentos bolivianos que escolheram esse departamento como lugar de trabalhar, viver e constituir família. Na fronteira em foco, Souchaud e Baeninger (2008) realizaram um minucioso levantamento apresentado no artigo *Collas e cambas do outro lado da fronteira*, tomando como ponto de referência a população boliviana instalada em Corumbá.

Considerando a formação social múltipla nos espaços limítrofes podemos afirmar que a fronteira é um microcosmo que espelha a realidade da nação que limita. As fronteiras trazem em si o germe do começo, tal como assinala o registro escrito em um muro localizado em um muro do município argentino de Bernardo de Irigoyen, fronteira com o município brasileiro de Dionísio Cerqueira em que se lê: *La patria comienza en la frontera*³⁹.

Neste artigo são tratados os aspectos identitários do boliviano abordando três aspectos: num primeiro momento discuto alguns conceitos sobre identidade, em seguida traço notas sobre o conceito de pertencimento e num terceiro momento aborda-se as identidades regionais bolivianas *collas* e *cambas*. Para tanto foram realizadas entrevistas e revisão bibliográfica dos temas abordados.

2. SOBRE AS IDENTIDADES

A identidade é um conceito polissêmico, entendido segundo diferentes prismas, seja na representação característica individual ou a pertença a um mesmo

³⁹ No muro podem-se ler sequencialmente três frases: *Solo se ama lo que se conoce; La patria comienza en la frontera; Bienvenidos a Bernardo de Irigoyen*. No seu conjunto, entendemos que a ideia é mostrar a relevância da fronteira, retirando-lhe a ideia de marginalidade, de lugar remoto e desimportante. Entretanto essa centralidade só seria identificada se as pessoas conhecessem o lugar, desmistificando peculiaridades pejorativas que são imputadas às fronteiras, tais como o trânsito de produtos ilícitos e a criminalidade, imagem que a mídia expõe dando a entender que esses fatos são recorrentes apenas nas fronteiras, esquecendo que nesses territórios limítrofes a vida se faz no trânsito, no contato, no intercâmbio de práticas para além das restrições impostas pela aparelhagem estatal de controle. Imagem disponível em: <https://3.bp.blogspot.com/_p5u5FDUkW9M/TMGic_WECMI/AAAAAAAAAAbI/2tCR5-CK2zE/s1600/dionisio+1.JPG>. Acessado em 31/12/2017.

grupo (Candau, 2002). Esse pensamento pode guiar a compreensão das situações peculiares identificadas como “questões identitárias”, com características intangíveis, fluidas e instáveis.

Por exemplo, numa região de fronteira coloca-se frente a frente à identidade nacional como um gesto naturalizado: reconhece-se em primeira instância o interlocutor pela sua nacionalidade, muitas vezes marcada pela língua e aspectos físicos como a vestimenta, os traços fisionômicos, o tipo ou o corte de cabelo, entre outras características estereotipadas. Em Puerto Quijarro (BO) e Corumbá (BR), de um modo geral, as identidades nacionais em evidência são a brasileira e a boliviana, consideradas de forma ampla, como indicadores sem nuances: ou se é de um país ou se é do outro.

Para iniciar nossas ponderações sobre identidade na fronteira, apresentamos o seguinte diálogo registrado em uma das tantas vezes que visitei a fronteira do lado boliviano:

El diálogo se da en la “feirinha” en Arroyo Concepción entre uno de los jovencitos que cuidan los autos, muchos de ellos bilingües, y yo. Él se me acercó y me preguntó:

- Dona, você é boliviana?

- Sí, soy ¿y vos?

- Soy los dos...

- ¿Cómo es eso?

- Cuando estoy “aquí” soy boliviano, cuando estoy “allá” soy brasileiro...

- Sí, eres los dos...

Registramos no diálogo um discurso fluido com relação ao indicador “nacionalidade”, isto é, alguém pode ser boliviano ou brasileiro dependendo do lugar onde estiver e mudar conforme seu interlocutor. Observamos que o diálogo se

inicia em português e prossegue em castelhano⁴⁰, em resposta a minha primeira intervenção ter sido nessa língua. A opção de utilizar uma ou outra língua é perceptível em especial entre os bolivianos residentes em Puerto Quijarro⁴¹. Este é um indício revelador quanto ao pertencimento, pois ele nem sempre está delimitado pela linha fronteiriça demarcatória de um país. A esse respeito, Costa (2016, p. 82) discute a “categoria social” na qual estão inseridos os bolivianos:

A categoria “imigrante” é conceitualmente problemática e contraditória na fronteira, pois os bolivianos que moram ou trabalham em Corumbá já são nascidos na fronteira, ou vivem na região em um intenso trânsito binacional e possuem, portanto, identidades liminares representadas muitas vezes pela dupla nacionalidade.

Tais afirmações encontram eco nas reflexões de Bauman (2005) quando, em um momento crucial da sua vida⁴², é interpelado pela escolha de um hino – importante referente pátrio – que honrasse sua identidade nacional. Tendo ele nascido na Polônia, havia sido privado da sua nacionalidade original e, por questões políticas, preferiu viver na Grã-Bretanha.

A opção por uma nacionalidade pode advir de situações de extrema tensão, como relata Bauman (2005), mas também pode provir de uma eleição transitória como a relatada no diálogo anterior. Aparentemente são situações distintas em que a questão “identidade” está em foco. De qualquer forma consideramos de extrema importância não fazer um julgamento precipitado sobre os efeitos da escolha de uma identidade nacional. Bauman relata como uma experiência desconfortável, a sensação em que “não se está plenamente em um lugar”: “Sempre há alguma coisa

⁴⁰ Utilizamos o nominativo castelhano (em contraposição ao espanhol) para nomear a língua majoritariamente falada na Bolívia, visto ser essa nomenclatura utilizada na Constituição desse país e dado o uso dessa denominação entre os entrevistados para este trabalho.

⁴¹ Por observações no âmbito comercial em Puerto Quijarro, constatamos que os bolivianos, principalmente aqueles mais jovens (mas não somente), fazem uso do português e do castelhano, apresentando um bilinguismo que requer mais estudos para ser caracterizado.

⁴²A referência está centralizada no momento em que Bauman recebia o título de *Doctor Honoris Causa* na Grã-Bretanha.

a explicar, desculpar, esconder, ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (2005, p. 19).

Esta é uma sensação constante na fronteira. A fluidez é muito mais evidente que as estritas delimitações fronteiriças, embora estas existam e sejam visíveis principalmente nos aparelhos de segurança e controle estatal. Os contatos de fronteira instigam (silenciosamente) a declarar a identidade. Quando esta não é revelada, é pressuposta por elementos identificadores externos, como dissemos anteriormente: os traços físicos e o uso de uma ou outra língua constituem-se em parâmetros reveladores. Bauman (2005, p. 19) ilustra essa percepção em que: “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

Remetendo-nos ao diálogo apresentado anteriormente, percebemos que a autoidentificação do habitante da fronteira não está restrita ao local do nascimento, ou ao local que habita, é uma concepção instável: “[...] a 'identidade' é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas” (BAUMAN, 2005, p. 82).

Nas hierarquias sociais construídas historicamente, a ambiguidade também reveste a noção de identidade quando se expressa em contextos desiguais⁴³, materializando-se em desvalorização, preconceito e não aceitação por um lado, e a supervalorização por outro lado. Reconhecemos no cenário dessa fronteira entre a Bolívia e o Brasil, este jogo de valorações identitárias, em que os papéis das identidades nacionais imprimem maior ou menor importância às identidades culturais. Coadunamos com Costa (2015) quanto à existência de grupos dominantes brasileiros que, fazendo uso do seu poder de nomeação, designando os bolivianos

⁴³ Estamos cientes que contextos simétricos são hipóteses idealizadas para confrontar a realidade que se mostra assimétrica.

como; “os outros”. Papel que cria e mantém uma assimetria nos discursos e nas práticas entre bolivianos e brasileiros.

Pode-se observar um reflexo de esse estado de coisas no aspecto do uso das línguas majoritariamente faladas na fronteira: português e castelano. Visto que nesse espaço urbano de fronteira, o comércio é uma das atividades principais, é perceptível que os comerciantes bolivianos comunicam-se em português, denominado por Rivas (2010) “português comercial”, que pretende atender os potenciais clientes brasileiros. Na contramão, os brasileiros da região, apenas fazem uso precário do espanhol quando estão em território boliviano, utilizam a forma comumente conhecida como “portunhol”⁴⁴.

Nesse lugar limítrofe evidenciam-se contatos, identidades e línguas diversas como marcas culturais. Nos estudos sobre língua (linguagem) e identidade, esses conceitos se vinculam, conforme enuncia Rajagopalan: “[...] o que a discussão até aqui revela é que a linguística, desde a sua estreia como ciência moderna, tomou a questão da identidade como questão pacífica, tanto no caso da identidade de uma língua quanto no caso da identidade do falante de uma língua” (2006, p. 26).

O autor também aborda a identidade e a língua incluindo os “interesses” que marcam o prestígio na utilização de uma variedade ou ainda as implicações quanto ao uso das línguas de contato⁴⁵. Está claro que as línguas, as identidades e as culturas desenvolvem-se num intenso processo de *entremesclagem*. O célebre pós-escrito de sua autoria resume o vínculo língua e identidade:

⁴⁴ No aspecto pejorativo, o portunhol é uma mistura do português e do espanhol que expõe restrições no uso dessas línguas na comunicação. Ampliamos nossas considerações na tese que deu origem a este artigo.

⁴⁵ Entende-se por língua de contato a “Língua de alguma compreensão por parte de falantes minoritários ou despoderizados quando duas ou mais línguas se aproximam através de grupos de falantes desses idiomas distintos que resulta facilitada ou reduzida drasticamente em sua complexidade sistêmica para que possa haver comunicação. Sentido próximo a de um pidgin que emergiu para que possa haver negócios ou trabalho convergente imediatos entre línguas díspares que não serão ensinadas previamente em ambientes formais como o da escola.” Disponível em: <<http://www.sala.org.br/index.php/l/412-lingua-de-contato>>. Acessado em 15/12/2016.

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. (RAJAGOPALAN, 2006, p. 41-42).

O “estado de fluxo” apontado pelo autor está vinculado à ideia da mistura ou da mestiçagem, à qual se remetem alguns autores à semelhança de Canclini (2008) e Hannerz (1997). A mestiçagem é um ponto ainda não muito bem elucidado, pois, depende da perspectiva em função da qual é tratada. O sociólogo García Linera, em **Identidad boliviana: nación, mestizaje y plurinacionalidad** (2014) reflexiona sobre a mestiçagem como um fenômeno inerente à humanidade, porquanto todas as nações são mestiças cultural e biologicamente. Esse autor inclui a autoidentificação como um aspecto diferenciador entre uns e outros, ou seja, denota a emergência da alteridade.

Recordamos, ainda, que as formulações referentes à mestiçagem podem ser contestadas em vista da generalização quanto à condição miscigenada da humanidade. A linguista Ana Maria Camblong aprofunda essa temática seguindo uma perspectiva semiótica, considerando-a “[...] *pensamiento situado, enunciado desde una memoria de lugares marginales* [...]” (CAMBLONG, 2012, p. 15).

Xavier Albó destaca que na relação entre identidade e cultura é importante levar em conta o autoconhecimento, isto é, a identidade pessoal como um ponto de partida no processo educativo, em especial. “*Cada uno ha de saber descubrir sus propias fortalezas y debilidades, aceptarse como es y, a partir de ello, consolidar su propia estructura personal*” (ALBÓ, 2003, p. 18).

Indo ao encontro desses pressupostos, a Lei da Educação Boliviana Avelino Siñani-Elizardo Pérez considera o caráter intracultural (da valorização do eu) fundamental no fortalecimento, desenvolvimento e coesão das culturas. Seguindo essa mesma perspectiva, Guerrero Arias (2012) postula que a identidade é uma construção discursiva e, quando afirma; “eu sou” ou “nós somos” constrói um

discurso que mostra a pertença e a diferença (alteridade). E acrescenta:

La construcción de la identidad solo puede hacérsela a partir de la selección de ciertos rasgos o características que se asumen como parte de ese “ser”; eso es lo que nos permite decir “soy o somos esto”, “porque pertenecemos a esta cultura”. Podríamos decir que la pertenencia se construye como una representación que refleja lo que un grupo piensa que es. La cultura evidencia lo que ese grupo es. La identidad nos permite decir, hablar, construir un discurso sobre lo que pensamos que somos. (GUERRERO ARIAS, 2002, p. 103-104, grifos do autor).

Existem alguns traços caracterizadores, a exemplo da língua, que tornam possível reunir-nos em um grupo autoidentificado, por exemplo: “brasileiros falantes de português”, “bolivianos falantes de castelhano”, “bolivianos falantes de quéchua” etc. Seguindo a mesma linha, se consideramos que existe uma comunidade falante de quéchua, aimará, guarani ou *bésiro*⁴⁶ em Puerto Quijarro, o boliviano poderá ser reconhecido como “boliviano falante de quéchua e castelhano”. Caso esse mesmo boliviano também fale português, será “boliviano falante de quéchua, castelhano e português”. E assim seriam incorporados novos códigos ao seu repertório nominativo.

Conforme vimos, a identidade linguística pode ser acrescida pela incorporação de um novo código linguístico e o sentimento de pertença poderá ser modificado. Guerrero Arias (2002) assinala que a construção identitária é um processo dialético, pois simultaneamente à necessidade de refletirmos sobre nós mesmos, processo denominado pelo autor mesmidade, somos instigados a superar essa reflexão íntima e extravasar rumo à alteridade, porquanto é no diálogo com o “outro” que nos reconhecemos e reafirmamos nossa existência. Trata-se de um desenvolvimento gradativo de encontrar-se no outro dialogicamente. No processo de ensino e aprendizagem de línguas outras, essa concepção aproxima-se ao processo de “desestrangeirização” postulado por Almeida Filho (2007) pelo qual

⁴⁶ Referimo-nos a essas línguas em especial, pois são faladas no contexto em estudo.

uma língua passa a ser aprendida para e na comunicação tornando-se cada vez menos estrangeira até estar incorporada à realidade comunicativa do aprendiz.

Compatibilizando com a concepção somativa ou de incorporação de novas características ou códigos identitários, Guerrero Arias refere-se à *construção de traços diacríticos*, aqueles que na diferença expõem a nossa pertença. Esses traços compõem as representações simbólicas armazenadas na memória coletiva, transformando-se no horizonte cultural de um povo: “*En la memoria están los sistemas de creencias, los imaginarios, los valores, las cosmovisiones, los mitos, que son elementos referenciales del pasado y del presente, que orientan la formación de su identidad.*” (GUERRERO ARIAS, 2002, p 104).

É possível armazenar as representações identitárias constituindo-nos num exercício árduo, por ser extremamente amplo e variável. Numa tentativa de melhor distinguir o conceito de identidade, resumimos a seguir cinco características inerentes à(s) identidade(s), tendo como base o trabalho de Guerrero Arias (2002, p. 105-106):

1. São relativamente duradouras: a identidade não é uma construção social estática, pois está sujeita a uma dialética contínua de construção e reconstrução;
2. Precisam de reconhecimento social: toda identidade supõe a dialética do reconhecimento tornando visíveis as peculiaridades que nos compõem como forma de valorização social;
3. São construções dialéticas carregadas de historicidade: não se limitam ao plano cultural, mas perpassam todas as dimensões do cotidiano. Na sua elaboração articulam-se à tradição e à modernidade em que o passado é um referente na elaboração do futuro;
4. São construções discursivas: estão sustentadas na cultura;
5. É fonte de sentido de um grupo: são representações da forma como um grupo valoriza as diversas dimensões do seu ser e estar no cosmos, o mundo e a vida.

Por tratar-se a identidade numa perspectiva que abrange as representações simbólicas, estas são socialmente construídas, isto é, não são fenômenos naturais, porquanto um dos recursos que expressa a natureza da identidade⁴⁷ é a discursividade.

Cuando hablamos de nuestra identidad, cuando decimos “yo soy” o “nosotros somos”, estamos construyendo un discurso; pero ese discurso que muestra mi pertenencia y a la vez mi diferencia, solo puede sustentarse sobre algo concreto: la cultura, que es una construcción específicamente humana que se expresa a través de todos esos universos simbólicos y de sentido socialmente compartidos, que le ha permitido a una sociedad llegar a “ser” todo lo que se ha construido como pueblo y sobre el que se construye un referente discursivo de pertenencia y de diferencia: la identidad. (GUERRERO ARIAS, 2002, p. 103).

A construção do discurso indicativo da autoidentificação envolve o sentido de pertencimento, discutido no âmbito boliviano por ocasião das eleições presidenciais em 2012.

3. PEQUENA NOTA SOBRE O PERTENCIMENTO

Consideramos necessário mencionar algumas considerações referentes à noção de identidade e de pertencimento visto que, embora ambos os conceitos estejam relacionados, cada qual tem características próprias, assim “a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (BAUMAN, 2005, p. 18).

⁴⁷ A natureza da identidade implica, em primeira instância, a tomada de consciência de si mesmo, isto ocorre quando o indivíduo assimila a existência do diferente, do “outro”. Quando se enuncia o “eu” implicitamente está se considerando a existência do “outro”, é o que se conhece como alteridade. No que tange à identidade nacional, a fronteira traçada pela linha divisória delimita o “eu” e o “outro” com prioridade à lealdade nacional, “única característica confirmada pelas autoridades nas carteiras de identidade e nos passaportes.” (BAUMAN, 2005, p. 28). O autor ainda menciona outras identidades “menores” que buscam aprovação em diferentes âmbitos. Dessa forma, uma ampla gama de possibilidades compõe a natureza da identidade.

O pertencimento é dado pelo próprio ato do nascimento. Ao nascer pertencemos a uma família, a um lugar específico, a um país que acolhe essa família. Entretanto, esse pertencimento considerado natural, na realidade é um ato naturalizado mediante uma convenção social e historicamente construído com muito afínco para dar validade ao conceito de nação. Conforme afirma Bauman (2005), a nação é uma entidade imaginada e isso nos leva a ponderar que possua fronteiras difusas, embora desenhadas com traços precisos e delimitadores. Nas suas práticas a fronteira foge a padrões de circunscrição geográfica para desenhar atravessamentos, fluxos e refluxos humanos, culturais, identitários e simbólicos que interpelam a noção de pertencimento.

Há dois aspectos relativos a essa concepção de pertença: o direito e a identificação. O primeiro refere-se ao direito de pertencer a um lugar; enquanto o segundo expressa o sentido do pertencimento e manifesta o conforto de estar nesse lugar (no lugar que lhe é de direito). Ao transpor estas ideias a um contexto de fronteira, na prática verificamos “um” lugar, no sentido quantitativo, extravasando a linha de fronteira, a exemplo da ocorrência do duplo registro de nascimento. Quanto ao sentido de pertencimento e identificação, uma pessoa pode se sentir confortável em ambos os grupos (bolivianos e brasileiros) ou, ainda, em outros grupos sociais, não regrados pela nacionalidade.

Em conversas informais com professores, caracterizados *a priori* bolivianos, os quais mantêm uma convivência estreita com nacionais brasileiros (seja por aproximação parental, por amizade ou ambos), manifestam sentir-se à vontade no Brasil, assimilando e vivenciando os costumes brasileiros como próprios. Dentre eles, alguns cruzam a fronteira a trabalho em Corumbá ou permanecem em Puerto Quijarro, se reconhecem brasileiros embora tenham nascido e mantenham sua moradia atual na Bolívia. Observamos nesse autorreconhecimento uma origem imprecisa, dada a existência de um documento de identificação que determina a nacionalidade, corroborada por um sentimento de apropriação pela identificação cultural brasileira, sem, entretanto, abdicar de também sentir-se boliviano. Neste trabalho chamamos essa autoidentificação de

“identidade supranacional ou transnacional”.

Diante do mencionado, ponderamos que os sentidos produzidos derivados da noção de pertença ultrapassam as formatações e delimitações estabelecidas, sejam estas legais, sociais, geográficas, culturais ou de qualquer outra ordem. Fazendo uso das considerações expostas, ilustramos com um aspecto identitário particular da Bolívia e que se reflete na fronteira retratada neste trabalho. Referimo-nos à questão *camba-colla*, como é conhecida a identificação (e pertença) que define os habitantes procedentes de determinados lugares da Bolívia.

4. *CAMBAS, COLLAS E AS FRONTEIRAS*

No âmbito boliviano existe uma identificação identitária vinculada à pertença territorial, acompanhada, no aspecto social, por características relacionadas ao fenótipo, aos trajes, costumes, variedade do castelhano falado e também abrange a hierarquia, as valorações socioeconômicas, entre outras características que identificam as pessoas à primeira vista. É um julgamento fundamentado em estereótipos formulados culturalmente e disseminados na sociedade boliviana dentro e fora das fronteiras nacionais.

Mas afinal, o que significa ser *colla* ou ser *camba* e qual a importância desses conceitos?

Para responder à primeira pergunta tomamos como fonte principal a pesquisa realizada por Peña Claros e Boschetti (2008). Nela as autoras se propõem a desenvolver e “Desafiar o mito *camba-colla*”, título da obra em que aprofundam os sentidos históricos, sociais e culturais que demarcam essa questão na Bolívia. Abordam aspectos da interculturalidade, do poder e da resistência no oriente boliviano. Assim, aproximam-se da complexidade dos processos de formação identitária do boliviano com base na procedência regional.

Faz-se necessário distinguir o fracionamento geográfico que divide os nove

departamentos que compõem a Bolívia em três grandes zonas⁴⁸. No sudeste temos: Potosí, Oruro e La Paz constituindo a região andina; Cochabamba e Chuquisaca constituem a região dos vales. Os habitantes dessas duas regiões são conhecidos como *collas*; ao norte e leste: Pando, Beni e Santa Cruz localizados na planície boliviana, chamada região oriental ou *camba*, cujos habitantes são designados da mesma forma, *cambas*; por último, ao sul do país, Tarija, Departamento em que os moradores locais são denominados *chapacos*⁴⁹.

Utilizar um mapa político para descrever uma divisão identitária cultural como a mencionada anteriormente – em *collas*, *cambas* e *chapacos* – não é o meio mais apropriado para essa empreitada; entretanto, é a forma mais viável, neste trabalho, para delimitar a origem ou procedência das pessoas identificadas por esses denominativos. Posteriormente, verificaremos que os intensos fluxos migratórios na Bolívia redesenham permanentemente o mapa cultural boliviano.

Embora seja inegável que a movimentação dos grupos humanos na Bolívia tenha se materializado no intercâmbio de línguas, costumes, crenças, símbolos e representações tendo como resultado misturas e miscigenações, adotamos aqui a mítica divisão oriente e ocidente em função do entendimento de que a pertença está vinculada, entre outros aspectos, ao espaço geográfico habitado. Na Bolívia, esta divisão é conhecida como “a questão *camba-colla*”, polarização delimitada pela territorialidade das diferenças e peculiaridades como assinalam os sociólogos Souchaud e Baeninger, (2008, p. 272-273):

[...] as civilizações andinas formaram parte do Império Inca, que se distingue por sua alta estruturação tanto social (estrutura fortemente hierarquizada), a qual permitiu a integração de vários povos andinos, quanto espacial (urbanização, infra-estruturas de comunicação). Assim, desde larga data, existe uma forte diferenciação entre a civilização

⁴⁸ Os Departamentos assemelham-se aos estados da federação brasileira.

⁴⁹ Evidentemente existem outras identidades relacionadas à região ou departamento de procedência, assim, o mestiço de La Paz é conhecido como *ch'uta*; o habitante de Cochabamba é um *cochala*, entre outros, sujeitos que têm sua idiosincrasia plasmada no modo de falar e no uso de termos próprios no seu linguajar e costumes.

andina – estruturada e integrada pelo Império Inca – e o mosaico étnico das regiões baixas, composto por povos menos numerosos e mais dispersos, organizados em sistemas sociais não tão marcados pela expansão e o controle territorial duradouro.

Nessa mesma perspectiva, Coello Vila (1996) toma como base a configuração geográfica da Bolívia para identificar as variedades do castelhano falado nesse país: o *castellano-colla* (da região andina e vales), a variedade castelhano; *camba-colla* e o castelhano; *chapaco* do sul da Bolívia. Centralizamos nosso olhar nos Andes/vales e no oriente boliviano. Concentramo-nos em especial em Santa Cruz, pois esse é o Departamento em que está localizado o município de Puerto Quijarro, fronteiro a Corumbá, no Brasil, região em foco para este trabalho.

Conhecer o processo de colonização é útil para entender o contexto referido. Segundo Peña Claros e Boschetti (2008), diferentemente das culturas do altiplano boliviano, formadas pelo Tiawanaku, os senhorios aimarás e o império incaico, as terras baixas do oriente estavam compostas por povos originários menos complexos na sua estrutura organizacional, sendo, em sua maioria, caçadores e coletores, muitos deles de hábitos nômades. Nessa conformação, também é preciso considerar que enquanto o altiplano e vales submetiam-se à autoridade regional do Vice-reinado do Alto Peru, no oriente a conquista foi mais tardia em vista da difícil acessibilidade da zona e sua colonização ocorreu a partir do Vice-reinado do Rio da Prata, que ocupava uma extensão territorial atualmente ocupada pela Argentina, Bolívia, Uruguai e Brasil.

No Oriente boliviano formaram-se reduções jesuíticas com o aldeamento e evangelização dos povos indígenas a cargo dos missionários dessa congregação para impedir a entrada e permanência das bandeiras portuguesas. Com o passar do tempo às missões se converteram em centros de produção e comercialização de produtos alimentícios exportados ao Alto Peru e ao sul do continente. Segundo as autoras, em meados do século XIX já haviam se tornado produtores de carne, arroz, banana, mandioca, milho, batata, com atividades de exploração de silvicultura na

região, e isto tudo constituiu um bloco de prestígio social com base na gleba, domínio dos terratenentes detentores de propriedades e meios de produção.

Já no período da independência, o movimento *criollo* pró-independência de Santa Cruz vinculou-se ao Rio da Prata e não ao Alto Peru, como ocorreu com o restante da Bolívia. Finalmente, em 1825, Santa Cruz de la Sierra tornou-se uma província independente. No mesmo ano o estado boliviano organizou-se como República Unitária, tendo o altiplano como eixo sociopolítico e econômico do país, pois estavam nos Andes as reservas minerais que movimentavam a economia de então.

Em 1896, iniciou-se o período de extração da borracha no oriente alcançando uma projeção econômica significativa, porém acrescentou poucos benefícios para a região. Com o transcorrer do tempo e a dificuldade de articular o território oriental à parte andina, representantes da sociedade do oriente apresentaram um registro histórico conhecido como *Memorandum de 1904* questionando ao governo boliviano central sua política econômica. O documento simbolizava “*la cruceñidad*” (a sociedade *cruceña*, o *ser cruceño*)⁵⁰.

Em 1920 iniciaram-se os trabalhos de exploração petrolífera no oriente, com o posterior *boom* da produção de petróleo na Bolívia. Somado a esse fato, a crise da oligarquia mineira, entre outros fatores políticos, promoveram a Revolução Nacional de 1952 que mudou a estrutura socioeconômica do país modificando o *status* de Santa Cruz que, de periferia, passou progressivamente a ser o centro no cenário econômico nacional.

Dessa conjuntura emerge a configuração da identidade nacional boliviana dividida nesses dois grandes polos: por um lado, os habitantes da região andina e vales denominados *collas*, por outro lado, os habitantes da região oriental denominados: *cambas*.

Conforme Sanabria Fernández (2008), *colla* é a designação do compatriota procedente do altiplano e da montanha – e da região dos vales – qualquer seja sua

⁵⁰ Relativo à Santa Cruz.

procedência e condição. Encontramos uma descrição semelhante no **Diccionario esencial de la lengua española**⁵¹, com o acréscimo da condição mestiça dos povos assentados no altiplano ou provenientes dele.

Com relação ao nominativo; *camba*, o mesmo autor o utiliza para caracterizar o habitante indígena do oriente boliviano ou qualquer habitante da mesma comarca. No **Diccionario de la Real Academia Española (DRAE)**⁵² encontramos essa denominação vinculada ao índio ou ao mestiço do oriente da Bolívia. Da mesma forma refere-se à pessoa ou forma de vida típica dessa região.

Na sucinta explanação histórica sobre a constituição sócio-histórica do estado boliviano, destacamos uma origem colonial diferente para ambas as zonas e, em decorrência disso, um *status* também diferenciado. Enquanto a região andina ocupava um lugar de destaque no cenário nacional e concentrava o centro de poder nos seus departamentos, com a capital histórica Sucre e a capital política e sede do governo a cidade de La Paz, a região oriental ficava inicialmente à margem para, posteriormente, agregar-se à centralidade nacional.

Os fatos mencionados ocorreram concomitantemente à construção social da “identidade *cruceña* atual” que ao diferenciar o “nós” do “outro”, determinou que o papel do “outro” é o *colla*.

Peña Claros e Boschetti (2008) realizam uma revisão histórica de termos emergentes da constituição identitária dos orientais, assim os conceitos de “*lo cruceño*”, “*la cruceñidad*” e “*el cruceñismo*” estão vinculados entre si, embora tenham valores diferentes.

“*Lo cruceño*” refere-se ao desenvolvimento das características próprias da comunidade *cruceña*, originária do departamento de Santa Cruz ao longo da sua história. É uma construção contínua com início em 1561; desde então seu desenvolvimento ainda manifesta suas especificidades e vão formando a identidade *cruceña*.

⁵¹ Disponível em: <<http://www.rae.es/obras-academicas/diccionarios/diccionario-esencial-de-la-lengua-espanola>>. Acessado em 08/06/2015.

⁵² Disponível em:<<http://www.rae.es/>>. Acessado em: 08/06/2015.

“*La cruceñidad*” é uma interpretação de “*lo cruceño*”, conta com uma “comunidade imaginada” cuja unidade está na história compartilhada e na participação de um projeto em conjunto. É a tentativa de obter elementos de unificação e tem no Comitê pró Santa Cruz, criado em 1950, a instituição que abriga elementos fundantes de *la cruceñidad*.

“*El cruceñismo*” é a postura ideológica de “*la cruceñidad*” e de “*lo cruceño*”. Peña Hasbún et al. (2003, p. 12) resumem “*la cruceñidad*” como um discurso de “*el cruceñismo*”, não é outra coisa senão a invenção de um regionalismo. Consideram, ainda, que “*la cruceñidad*” é tudo aquilo que *não é colla*.

Pelo exposto, pode-se constatar a formação identitária do *camba* demarcada no “outro”, no *colla*, e para tanto utilizam-se diversos instrumentos ideológicos enraizados no separatismo e discriminação⁵³.

Bergholdt (1999) destaca a consciência *cruceña* do isolamento histórico e o abandono e marginalização exercido pelo governo central como elemento fundamental na origem do ressentimento profundo dos *cambas* com relação aos *collas*. Estas e outras arguições compõem o repertório dos sociólogos na tentativa de desvendar e entender as bases de tamanha rejeição evidenciada no convívio entre *cambas* e *collas* e que é expressa em sentimentos *anticollas*, nos estereótipos pejorativos formulados com relação aos habitantes do ocidente.

Algumas marcas são determinantes na definição de quem se identifica como *colla* ou *camba*; entre elas podemos citar os traços indígenas peculiares aos habitantes dos Andes e vales, o tipo de roupas, a forma de arrumar os cabelos, a variedade linguística do castelhano *colla*, entre outros aspectos que tornam os *collas* objeto de comentários aviltantes denegrindo a imagem indígena que os

⁵³ O braço mais radical separatista é o *Movimiento Nación Camba de Liberación (MNCL)* que se identifica como uma organização da sociedade civil que busca entre seus objetivos fundamentais ratificar o princípio da livre determinação dos povos, com a finalidade de dotar a Nação *Camba* do poder de decisão para exercer a soberania plena sobre sua economia, seu território e sua cultura. Disponível em: <<http://nacioncamba.org/quienes-somos/>>. Acessado em: 15/06/2015.

identifica⁵⁴. Paradoxalmente, conflitos sociais que ocorrem no interior do departamento de Santa Cruz, habitado por populações originárias ou indígenas, são invisibilizados.

Com relação ao movimento humano na Bolívia, mencionamos o estudo do *Instituto Nacional de Estadística* (INE-Bolívia) sobre o significativo processo migratório do Ocidente rumo ao oriente boliviano o qual destaca que,

[...] *la dinámica poblacional del país sigue su curso, percibiéndose un desplazamiento de población de los departamentos del occidente hacia los del oriente y de los departamentos del Norte y Sur hacia los del eje central, modificando de manera importante la distribución espacial de la población boliviana.* (MEZZA ROSSO, 2010, p. 2)

A esse respeito há um discurso recorrente entre os *cambas* que questionam e reprovam a ida de tantos *collas* ao Oriente, em especial a Santa Cruz. Bergholdt (1999) expressa a existência de conflitos internos em Santa Cruz como a não aceitação do indígena oriental na sociedade local reforçando uma atitude classista e contraditória:

[...] *sin embargo estas contradicciones internas históricas y actuales dentro de la región son diluidas a través de una manipulación ideológica dirigida por los cruceñistas que intentan construir una historia idílica regional anterior a la “invasión colla”.* (1999 apud PEÑA CLAROS; BOSCHETTI, 2005, p. 151)

Essa mudança de fronteiras culturais, dita “invasão *colla*” em Santa Cruz de

⁵⁴ “Fuera collas de mierda”, rezaba una pared en Santa Cruz. No era sólo una pared. Eran muchas paredes. Eran gritos también. Mucha gente como la gente gritando “fuera collas de mierda”. Lo que se cocina en Bolivia no es sólo un golpe de Estado en alguna de sus formas posibles. No es sólo un intento desesperado de los dueños del dinero por retener sus privilegios y su statu quo. Es un extracto de infamia, una muestra del veneno histórico inoculado año tras año en un país que hasta hace poco tenía un presidente que no hablaba bien el castellano, y no porque fuera colla. Esse é um excerto da crônica escrita por Sandra Russo (2008) a respeito do documentário “Bolívia para todos”, no qual se expõe a problemática *camba-colla* com um viés político, como não poderia deixar de ser, uma vez que um aimará ocupa nos dias de hoje a presidência da República. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/mitologias/27-111597-2008-09-15.html>>. Acessado em: 15/06/2015.

la Sierra (capital do departamento), também ocorreu nos limiões do departamento *cruceño*, onde há um grande contingente de habitantes do ocidente que residem e trabalham na região confinante de Puerto Quijarro. Nessa localidade, em especial na zona urbana, muitos deles dedicam-se à atividade comercial e de serviços, seja na feira de roupas, no *centro comercial 12 de octubre* e outros comércios próximos, seja na feira que circula pelas cidades de Corumbá e Ladário comercializando alimentos de diversas espécies, bem como roupas e outros produtos.

Somadas aos eventuais desentendimentos que denotam o estigma de “ser *colla* em território *camba*”, há determinadas circunstâncias em que se evidenciam atitudes desqualificadoras referentes aos *collas*. Ao mesmo tempo, observando as relações estabelecidas no cotidiano de Puerto Quijarro, constatamos também situações de interação não conflitiva⁵⁵.

Um professor *camba* de Puerto Quijarro, ao ser perguntado sobre as relações *camba-colla* na fronteira relatou: “*nosotros sabemos quien es quien, quien es colla y quien es camba, pero eso no importa mucho aquí. Necesitamos trabajar para sobrevivir.*”⁵⁶

Esse breve relato é muito significativo e retrata a situação de quem está na fronteira. Os migrantes que lá se instalaram, na sua maioria são provenientes de realidades de exclusão, assim, desejam apenas poder sobreviver do seu trabalho.

Neste ponto resgatamos as considerações de Bergholdt (1999) em estudo que trata sobre os *cambas* e os *collas* no processo de compartilhar o mesmo espaço geográfico. Evidencia-se rejeição mútua entre ambas as identidades culturais; entretanto, tendo em conta suas observações etnográficas, o autor assinala haver um processo de “sincretismo cultural” que pode vir a derivar em uma nova identidade cultural:

⁵⁵ Um boliviano consegue, na maioria das vezes, identificar facilmente quem é *camba* ou *colla*. O fenótipo e a variedade do castelhano utilizada são marcas que evidenciam, entre outras, essas identidades.

⁵⁶ Entrevista concedida por professor boliviano por ocasião de visita às unidades educativas de Puerto Quijarro no processo de implantação do Programa de Escolas Interculturais de Fronteira em 2011.

Santa Cruz de la Sierra [...] hoy en día está viviendo un proceso vigoroso de transformación cultural que irá creando una nueva realidad boliviana con nuevas características culturales. Probablemente los cambas y collas confluirán en el futuro conformando una nueva sociedad cruceña en la que se encontrará una nueva identidad boliviana que sintetizará los valores cambas y collas [...] (BERGHOLDT, 1999 apud PEÑA CLAROS; BOSCHETTI, 2003, p. 169)

Ao acolher tal pensamento entendemos que esse poderia ser uma possibilidade de transculturalidade, tal como proposto pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz (1983), pois expressa as diferentes etapas do processo transitivo de uma cultura para outra para e a conseqüente emergência de novos fenômenos e experiências culturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho transitamos pelos conceitos de identidade, pertencimento e identidades regionais bolivianas no intuito de evidenciar formações e reposicionamentos identitários no lugar da pesquisa, a fronteira Bolívia-Brasil.

De um modo superficial, em um primeiro olhar, a fronteira evidencia as identidades nacionais com uma lógica purista que denomina “os bolivianos” e “os brasileiros”, sujeitos que parecem manter suas características sem mistura, exaltando suas peculiaridades para distinguir-se uns dos outros, entretanto, como foi mostrado neste trabalho. As identidades estão em permanente construção e expõem diferentes formas de expressão. Se por um lado, os “bolivianos” podem ser eventualmente “brasileiros”, como expõe o diálogo transcrito na Introdução deste artigo, por outro lado há forças dos setores dominantes no lado brasileiro se esforçam na manutenção da discriminação do “eu” e do “outro”, em que a figura do “outro” está ocupada pelos bolivianos (mesmo entre cidadãos identificados como bolivianos nascidos no Brasil).

Quanto a esse último ponto, é necessário registrar o depoimento de bolivianos miscigenados, com características fenotípicas mais distantes das indígenas que relatam não passar pelo sentido de exclusão que outros bolivianos *collas* afirmam ter passado. Entendemos que isto possa se dever ao fenótipo indígena desses últimos. Visto por esse prisma, a fronteira em foco não tem apenas a nacionalidade em questão, mas também expõe uma atitude diferenciadora pela etnia indígena do “outro”, conforme identifica Costa (2015).

Ampliando o olhar em direção às peculiaridades regionais que mencionamos neste artigo, ao mesmo tempo em que os bolivianos são os “outros”, no contraponto identitário aos brasileiros corumbaenses, as identidades *collas* e *cambas* interagem hierarquizadas muitas vezes em posições sociais antagônicas e de tensão, outras atenuadas pelas condições econômicas e de trabalho, como relatado por entrevistados quando indagados sobre a situação *camba-colla* em Puerto Quijarro. Evidentemente são compreensões que podem se considerar parciais, entretanto, Bergholdt (1999), também coincide com essa percepção ao enunciar um processo de “sincretismo cultural” em Santa Cruz de la Sierra.

Essas observações corroboram a noção de identidade como um produto coletivo, que longe de ser um fato natural é um produto social. As sociedades criam estratégias de sobrevivência no lugar em que estão assentadas ou por onde transitam. A fronteira, na sua “ignorada centralidade” é um lugar de fluxos e permanentes atravessamentos que nos desafiam na elaboração e reelaboração de sentidos, movimento que nos permite antever novos arranjos sociais e identitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBÓ, Xavier. Cultura, interculturalidade, inculturación. Caracas: Fundación Santa María, 2003.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. Dimensões comunicativas no ensino de línguas. Campinas: Pontes Editores, 4ª edição, 2007.

BERGHOLDT, Anders. Cambas y collas: un estudio sobre identidad cultural en Santa Cruz de la Sierra. Aarhus: Centro de Estudios Latinoamericanos, Universidad de Aarhus, 1999.

BAUMAN. Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CALLISAYA APAZA, Gregorio M. El español de Bolivia. Contribución a la dialectología y a la lexicografía hispanoamericanas. 2012. 439 f. Tese (Doutorado em Linguística) Facultad de Traducción y Documentación. Departamento de Traducción e interpretación. Universidad de Salamanca, Salamanca, Espanha, 2012.

CAMBLONG, Ana. Habitantes de fronteira. In: Curso de Pós-Graduação em língua espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana. Cuadernos de reciénvenido. São Paulo: Humanitas, p. 5-23, 2012.

CANCLINI, Néstor G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

COELLO VILA, Carlos. Bolivia. In: ALVAR, Manuel. (Org.). Manual de dialectología hispánica: el español de América. Barcelona: Ariel, p. 169-183, 1996.

COSTA, Gustavo Vilela L. Os bolivianos em Corumbá-MS: conflitos e relações de poder na fronteira. Mana, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 35-63, Abr. 2015. Disponível:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000100035&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 22/06/2015.

_____. Os Filhos da Fronteira em Corumbá -MS: os estudantes de origem boliviana nas margens da nação. In: Joana Bahia; Miriam Santos. (Org.). Um Olhar sobre as Diferenças. A interface entre projetos educativos e migratórios. 1ed. São Leopoldo: Oikos, v. 1, p. 79-99, 2016.

GARCÍA LINERA, Álvaro. Identidad Boliviana: nación, mestizaje y plurinacionalidad. Notivisión, La Paz, 24 maio 2014. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=2OcNnUle0HM>>. Acessado em: 30/05/2015.

GRIMSON, Alejandro. Pensar Fronteras desde las Fronteras. Nueva Sociedad n.170. Noviembre-Diciembre. Honduras, p. 162-167, 2000.

GUERRERO ARIAS, Edgar P. La cultura – estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2002.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, Fronteira, Híbridos: Palavras-chave da antropologia transnacional. Revista Mana, Rio de Janeiro, Vol. 3, Nº1, p. 7-39, 1997.

MEZZA ROSSO, Víctor. Bolivia: Censo Nacional de población y vivienda 2010. Propuesta para mejorar la captura de datos sobre migración. In: Los censos de 2010 y la migración interna, internacional y otras formas de movilidad territorial de Santiago de Chile, 2010, Santiago de Chile. Anais eletrônicos... Santiago de Chile: CEPAL, p. 1-8, 2010. Seminario-taller. Disponível: <<http://www.cepal.org/celade/noticias/paginas/5/34835/VMezza-D.pdf>>. Acessado em: 25/08/2016.

PEÑA CLAROS, Claudia.; BOSCHETTI, Alejandra. Desafiar el mito cambia-colla Interculturalidad, poder y resistencia en el oriente boliviano. La Paz: UNIR, 2008.

PEÑA MÓJICA, Lourdes; HOYOS MONTECINOS, Marlene; MENDIETA ORTEGA, Janet e LÓPEZ PEÑA, Isabel. Interculturalidad entre chapacos, quechuas, aymaras y cambas. La Paz: Fundación PIEB, 2003.

PEÑA HASBÚN, Paula et al. La permanente construcción de lo cruceño: un estudio sobre la identidad en Santa Cruz de la Sierra. La Paz: Fundación PIEB, 2003.

ORTIZ, F. Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês. (Org.). Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, p. 21-45, 2006.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. La universalidad de lo ch'ixi: miradas de Waman Poma. E-misférica, La Paz, n. 35, 2010. Disponível: <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/e-misferica-71/rivera-cusicanqui>>. Acessado em: 10/10/2015.

SANABRIA FERNÁNDEZ, Hernando. El habla popular de Santa Cruz. Santa Cruz de la Sierra: Editorial Hoguera, 2008.

SOUCHAUD, Sylvain.; BAENINGER, Rosana. Collas e Cambas do outro lado da fronteira: aspectos da distribuição diferenciada da imigração boliviana em Corumbá, Mato Grosso do Sul. Revista Brasileira de estudos da população. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 271-286, 2008.

Recebido em 15/01/2018.

Aceito em 25/03/2018.